

A FENOMENOLOGIA DE CHARLES SANDERS PEIRCE

Mariane Romagnollo Menezes da Silva

Bolsista do CNPq, cursando mestrado em Filosofia do Direito na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

O presente artigo apresenta a teoria fenomenológica de Charles Sanders Peirce e o seu desdobramento em semiótica; para tanto, foi estudada a obra do próprio Peirce e também de alguns de seus maiores estudiosos brasileiros.

Palavras-chave: Peirce. Fenomenologia. Semiótica.

THE PHENOMENOLOGY OF CHARLES SANDERS PEIRCE

Abstract

This article presents a phenomenological theory of Charles Sanders Peirce and its unfolding in semiotics, for that we studied the work of Peirce himself and also some of his biggest Brazilian scholars.

Keywords: Peirce. Phenomenology. Semiotics.

Sumário: 1. Biografia; 2. Introdução; 3. A Fenomenologia; 3.1. As Categorias Fenomenológicas; 3.2. O Acaso e a Surpresa; 3.3. A Teoria do Falibilismo; 4. A Semiótica; 4.1. O Geral; 4.2. A Indefinição; 4.3. A Relação Triádica: signo, objeto e interpretante; 5. Conclusão; 6. Referências Bibliográficas.

1. Biografia

Charles Sanders Peirce, nasceu em Cambridge (Massachusetts) no dia 10 de setembro de 1839 e faleceu no dia 19 de abril de 1914, em Milford (Pennsylvania). É considerado, atualmente, um dos principais nomes da filosofia americana, em decorrência de ser o criador da corrente norte-americana de semiótica e possuir uma obra de grande originalidade.

Era filho de um renomado professor de matemática de Harvard, Benjamin Peirce e desde sua infância se interessou pelo estudo dos métodos de investigação; como o pai, se dedicou às ciências exatas e acabou se formando em Química-Física também na Universidade de Harvard.

Apesar de sua formação, a sua grande paixão sempre foi a lógica, mas também dedicou grande parte de seu estudo à filosofia. Quando tinha cerca de 16 anos de idade, Peirce se interessou por Kant, autor que influenciou muito a sua obra, e chegou a decorar todo o conteúdo de “Crítica da Razão Pura”.

Peirce se classificava como um cientista acima de tudo e nas suas próprias palavras:

...minha filosofia pode ser descrita como a tentativa que um físico desenvolve no sentido de fazer conjectura acerca da constituição do universo, utilizando métodos científicos e recorrendo à ajuda de tudo quanto foi feito por filósofos anteriores. Apoiarei minhas proposições nos argumentos que estejam a meu dispor. De prova demonstrativa não cabe cogitar. As demonstrações dos metafísicos não passam de aparências. O mais que se pode conseguir é fazer surgir uma hipótese não inteiramente despida de procedência, que se coloque na linha geral de desenvolvimento das idéias científicas e que seja suscetível de ver-se confirmada ou refutada por observadores futuros.¹□

Diante desse gosto pelas ciências no geral, ele se tornou um autor bastante diversificado, tendo se envolvido nas mais variadas áreas de pesquisa, como: astronomia, biologia, criminologia, geodesia, gravitação, física, química, metrologia, telepatia, espectrologia, óptica, filologia, arquitetura, lingüística e história; além de ter sido um dos primeiros psicólogos experimentais da América e de ter exercido grande influência sobre a formulação teórica do pragmatismo, ou pragmaticismo, como ele preferia chamar, e da lógica clássica.

Apesar todo o seu estudo diversificado, o reconhecimento de seu trabalho se tardiamente, ele não conseguiu grande aceitação na sua época e jamais se firmou como professor universitário ou publicou um livro. Ele apenas lecionou como professor convidado de Harvard por curtos espaços de tempo, nos anos 1864-65 e em 1869-70 e na Universidade Johns Hopkins, em

¹ HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur (Org.). **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. 8v. Cambridge: Harvard University Press, 1931-35 e 1958. 1.7. Obs: será utilizada a sigla C.P. para se referir aos Collected Papers, o primeiro número corresponde ao volume e o segundo, ao parágrafo.

1979 e 1884. Fez raras publicações em periódicos comuns com *The Monist* e *Popular Science Monthly*.² □

No entanto, como dito anteriormente, foi a lógica a paixão constante de toda sua vida. Em 1867, quando foi indicado para fazer parte da Academia Americana de Ciências e Artes, apresentou apenas estudos em lógica e a mesma coisa ocorreu durante os cinco anos consecutivos em que foi indicado para a Academia Nacional de Ciências. Quando finalmente foi aceito como membro, em 1877, agradeceu a implícita aceitação da lógica como ciência, pois em sua época a mesma não possuía tal reconhecimento.³

Durante sua vida, Peirce trabalhou a maior parte de seu tempo como assistente num observatório de Harvard College e ao se aposentar atuou como químico free lancer no laboratório que recebeu de herança.

Por fim, vale ressaltar que Peirce passou os últimos dezenove anos de sua vida desenvolvendo as suas teorias em fenomenologia e semiótica. Seus manuscritos inéditos foram vendidos ao Departamento de Filosofia da Harvard University e foi com base nesses textos que a Harvard University Press realizou a primeira grande publicação dos escritos de Peirce, chamada de: "The Collected Papers of Charles Sanders Peirce", o qual abrange todo o pensamento peirciano e, ainda hoje, se apresenta como principal fonte de referência ao autor. □

2. Introdução

Como visto no ítem anterior, Charles Sanders Peirce apresenta grande relevância no campo da Filosofia e é por isso que foi o autor escolhido para estudarmos sobre a Fenomenologia no presente artigo.

Antes de iniciarmos os estudos devemos entender como as ciências e a própria filosofia estão divididas dentro da arquitetura peirciana.

² PEIRCE, Charles S. **Semiótica e Filosofia**. Introd., Seleção e Trad. O. S. da Mota, L. Hegenberg. São Paulo : CULTRIX, 1972.

³ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. □

A divisão das ciência para Peirce ocorre em três grandes classes: a Matemática, baseada em hipóteses e consequências; a Filosofia, para examinar a experiência cotidiana; e a Idioscopia ou Ciências Especiais, dividida em ciências físicas e ciências psíquicas.

Enquanto que a Filosofia peirceana se divide em: a) Fenomenologia; b) Ciências Normáticas: estética, ética e semiótica ou lógica, a qual se subdivide em gramática pura, lógica crítica e retórica pura; e, c) Metafísica.

Visto isso, podemos passar ao entendimento sobre o que é a Fenomenologia para Charles Sanders Peirce e para tanto, devemos esclarecer que discorreremos brevemente sobre semiótica no ítem 4 deste artigo; pois como veremos futuramente, não há como dissociar completamente uma matéria da outra.

3. A Fenomenologia

Como base da teoria de Charles Sanders Peirce está a Fenomenologia, ou como ele preferia chamar: Faneroscopia, derivada de phaneron em grego. Esse termo só foi empregado por volta de 1902, quando a fenomenologia se consolidou como centro do sistema arquitetônico da filosofia, mas já aparecia como investigação primordial de seus estudos desde 1867.⁴

Faneron/fenômeno é tudo aquilo que aparece, tudo o que se apresenta. Assim sendo, a fenomenologia consiste em uma ciência cujo objeto de estudo é a busca pelas características de todo e qualquer fenômeno. Peirce entendia por fenômeno tudo aquilo que se apresenta à mente, sem considerar sua realidade ou não.⁵

Portanto, seu estudo se identifica com a experiência comum, podendo ser testada por qualquer pessoa que esteja com seus olhos voltados para a vida e há de se ressaltar ainda, que fenômeno é aquilo vira signo quando chega à mente, podendo ou não corresponder a algo real.

⁴ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 27.

⁵ CP, 1.284.

Nas palavras de Lúcia Santaella, a fenomenologia seria “a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano”.⁶

Ademais, a Fenomenologia não afirma sobre aquilo que é, nem sobre o que deveria ser, mas ajuda-nos a verificar aquilo que está em toda a parte, quer seja um vago pensamento, uma ação pequena ou algo que envolva o Universo, como as leis da Física e da Biologia, por exemplo.

Assim, a finalidade da Fenomenologia não é concluir nada, mas sim observar e constatar como a aparência dos fenômenos chega até nós.

3.1. As Categorias Fenomenológicas

Para poder observar o mundo, de forma universal, Peirce divide os fenômenos em três categorias, chamadas de categorias faneroscópicas ou cenopitagóricas (em referência a numeração de Pitágoras); são elas: Primeiridade, Secundidade, Terceiridade.

Enquanto para Aristóteles, a articulação entre o discurso e a realidade se baseiam no ponto de vista linguístico, na medida em que “as categorias são os modos em que o ser se predica das coisas nas proposições, portanto os predicados fundamentais das coisas”⁷, o que significa que suas categorias são uma determinação pertencente ao próprio ser e o pensamento deve utilizá-las para conhecer o ser e expressá-lo em palavras, ou discurso; ou seja, as categorias representam a realidade.

As categorias cenopitagóricas propostas por Charles Sanders Peirce podem ser classificadas como o modo de ser da nossa consciência, o funcionamento do nosso pensamento ao ver o mundo, extraídos da análise lógica das proposições.

Conforme Lauro Frederico Barbosa da Silveira⁸, enquanto as categorias aristotélicas derivavam-se da análise do ato predicativo realizado pelo sujeito ao expressar-se num

⁶ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 32.

⁷ ABBAGNAMO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 121.

⁸ SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007. p. 40.

discurso, nele representando a realidade, as categorias propostas por Peirce correspondiam aos modos elementares pelos quais se articulam e se combinam os fenômenos que povoam o universo total e irrestrito da experiência.

Ainda sobre suas categorias, Peirce afirma que embora elas se pareçam muito com o método de Hegel, elas não decorrem de uma modificação das categorias hegelianas, mas sim de uma forte influência do estudo das categorias de Kant. Apenas depois de ter elaborado sua doutrina de categorias foi que ele se deu conta da semelhança com os estágios hegelianos.⁹

Então, passemos agora para o estudo das categorias propriamente ditas:

De forma geral, por Primeiridade entende-se aquilo que é o que é, sem referência a nada mais. Secundidade é aquilo que é em relação a um outro, mas não se referindo a um terceiro. E Terceiridade é aquilo que mantém uma relação triádica, ou seja, se coloca em relação mútua tanto a um segundo quanto a um terceiro., uma espécie de mediação.¹⁰ □

A primeiridade é essencialmente caracterizada como a sensação. Ela representa a qualidade de sensação livre; uma qualidade em si mesma, que é um poder ser não necessariamente realizado. Ou seja, é a mera qualidade. É o sentimento mais puro e livre, indivisível, gerado pela primeira vez, por uma determinada situação.

Nas palavras de Lúcia Santaella:

...consciência em primeiridade é qualidade de sentimento e, por isso mesmo, é primeira, ou seja, a primeira apreensão das coisas, que para nós aparecem, já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos. Qualidade de sentir é o modo mais imediato, mas já imperceptivelmente medializado de nosso estar no mundo. Sentimento é, pois, um quase-signo do mundo: nossa primeira forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada de predicação das coisas.¹¹

Ainda sobre a primeiridade peirciana, Ivo Assa Ibri nos ensina que:

⁹ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 28.

¹⁰ CP, 8.328.

¹¹ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 46.

O conceito de primeiridade nasce como uma categoria na filosofia de Peirce, um modo de aparecer fenomenológico que é caracterizado pela experiência de unidade entre sujeito e objeto, indiferenciando mundos interior e exterior. Em verdade, esta experiência é de natureza interior – ressaltando que, entretanto, mundo interior para Peirce não se reduz a mundo subjetivo – ou, em outras palavras: interioridade e subjetividade não mantêm relação de equivalência. Esta consequência advém, é preciso ressaltar, de seu realismo metafísico, de seu idealismo objetivo e de sua simetria das categorias, a saber, de sua validação como categorias fenomenológicas e simultaneamente metafísicas.¹²

Já a secundidade, é a sensação, a nossa reação diante de um sentimento gerado em nós. É essencialmente caracterizada como a vontade. Ela é a experiência, a ação, o conflito, a força, os fatos, a dúvida, a coação e a coercibilidade do direito, as relações de ação e reação, causa e efeito. Ou seja, é a resistência, pois é a categoria que tem no seu modo de ser o fato atual, objetivo e está vinculada às relações que mantém dentro do universo da experiência, sendo estas relações puro fato bruto.¹³ □

Quando ouvimos uma música pela primeira vez, o momento de contemplação é marcado pela primeiridade, quando em algum momento esse estado se rompe, temos a chamada secundidade.

Para Peirce, essa consciência de um determinado sentimento sendo rompido por um outro é o que se pode chamar de experiência. Um acontecimento que se força contra o pensamento, levando a uma mudança na consciência é um estado de esforço bruto e se coloca como um outro que se impõe na relação com o primeiro, binaridade que faz a ligação entre um primeiro e um segundo sem qualquer mediação.¹⁴

É a terceiridade a categoria que se caracteriza por fazer essa mediação: um terceiro relacionando o ato causal e o seu efeito. Ela aproxima a primeiridade (qualidade do sentir) à secundidade (reação à realidade apresentada/experiência) por meio da representação e interpretação do que foi sentido; é o pensamento em signos.

Tal categoria é essencialmente caracterizada como o pensamento. Ela é o dever ser, o devir, a continuidade, a generalidade, a necessidade, as leis, o conhecer, a inteligibilidade, a

¹² IBRI, Ivo Assad. *O Significado de Primeiridade em Schelling, Schopenhauer e Peirce*. In *Cognitio – Revista de Filosofia*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2008. p. 229.

¹³ CP, 1.24, 8.330. □

¹⁴ CP, 8.330.

consciência, o hábito, a complexidade. Definida como o termo médio, pois faz a mediação entre a primeiridade e a secundidade.

Diferentemente da primeira categoria, ela é uma forma de consciência mediata e não pode ser reduzida a um ponto no tempo; bem como não se reduz a uma ocorrência bruta, característica da secundidade. É a consciência de um processo, que não pode ser imediato, é cognição, um fenômeno que envolve um determinado tempo.¹⁵ □

Para Peirce: □

Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeiro, sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; em segundo lugar, consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo, de alguma outra coisa; em terceiro lugar, consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento.¹⁶

3.2. O Acaso e a Surpresa

Peirce acreditava na potencialidade de um "elemento arbitrário no universo", responsável por sua espontaneidade e diversidade.¹⁷ A lei e a força bruta não são capazes de originar algo novo e espontâneo; portanto, apenas o que se apresenta como um primeiro, pode gerar variedade na natureza. Isso é que se chama "Acaso"¹⁸, ou surpresa.

A surpresa acaba atuando como um elemento da produção de informação nova, uma vez que através de acontecimentos inesperados pode haver a experimentação de alguma situação nova e, conseqüentemente, a comprovação de uma informação nova.

De acordo com Peirce¹⁹, a maioria das descobertas foram originadas das experiências e é através das surpresas que as experiências nos ensinam tudo o que podem. Para ele, conforme

¹⁵ CP, 1.381.

¹⁶ CP, 1.377.

¹⁷ CP, 6.30. □

¹⁸ CP, 7.521, 1.161. □

¹⁹ PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos Coligidos**. Seleção e Trad. Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. São Paulo: Abril Cultural, 1974. vol. XXXVI. p. 27.

apresentado no livro de Décio Pignatari²⁰, “todo raciocínio liga aquilo que se acaba de aprender com o conhecimento já adquirido, de modo que, dessa forma, aprendemos o que antes era desconhecido”.

Diante desta afirmação de Peirce, podemos, portanto, acreditar que para ele não é possível aprender alguma coisa sem se utilizar de um conhecimento anterior já adquirido; pois o aprendizado de algo novo está relacionado à associação da novidade com o conhecimento prévio.

3.3. A Teoria do Falibilismo

Segundo a teoria fenomenológica de Peirce, no universo dos fenômenos existe lugar para o caos, para o acaso (como acabamos de ver), para o ruído, pois ele não se encontra determinado; ao contrário, ele é provisório, está em constante mudança e evolução. Ou seja, nenhuma teoria ou lei é absoluta, e isso é o que versa a sua teoria do falibilismo, segundo a qual "a doutrina de que nosso conhecimento nunca é absoluto, mas é como se sempre flutuasse em um continuum de incerteza e indeterminação".²¹ □

Assim, podemos considerar Peirce como um evolucionista, mas de um tipo especial, que como ele mesmo se autodenominou, ele era um “idealista objetivo”.²²

4. A Semiótica

O pensamento pode estar fora de nós ou fora de nossa consciência, pois consciência “pode significar qualquer uma das três categorias. Mas se for significar pensamento está muito mais fora de nós do que dentro. Somos nós que estamos nele, em vez dele em qualquer um de nós... Isso, então, leva ao sinequismo que é a fundação do arco”.²³

Ademais, “o pensamento é mais da natureza de um hábito que determina a totalidade daquilo que poderá vir a existir”.²⁴

²⁰ PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 42.

²¹ CP, 1.171.

²² SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 25.

²³ SANTAELLA, Lucía. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 234.

²⁴ SANTAELLA, Lucía. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 235.

Ou seja, para Peirce, tudo é pensamento e pensamento é tudo que nos move e produz efeitos; não existe fronteira intransponível. Ele está fora de nós porque está refletido em nossos atos e nos fenômenos. Peirce é monista, para ele tudo é mente; a matéria é mente cristalizada, a natureza também pensa e também evolui.

De acordo com Lauro Frederico Barbosa da Silveira²⁵, “com as categorias fenomenológicas que organizam, em sua totalidade, o universo da experiência, torna-se possível, aplicando-as ao diagrama básico do signo, explicitar quais devam ser as classes de signos permitidas em um universo fenomenológico representado por aquelas categorias, sendo essas classes de signos localizadas no interior de todas as relações triádicas que a experiência semiótica contempla”.

Ou seja, a relação entre as categorias fenomenológicas, o universo da experiência e a classificação dos signos se relacionam na medida em que as categorias fenomenológicas organizam o universo da experiência, tornando possível a classificação dos signos.

Os componentes elementares que caracterizam os fenômenos que preenchem o universo da experiência são as categorias cenoptagóricas de Peirce, ou seja, a primeiridade, a secundidade e a terceiridade; pois são elas que caracterizam os fenômenos existentes no universo da experiência.

Para Peirce, não faz sentido separar o mundo em dois reinos distintos, pois para ele o mundo interno e o mundo externo são contínuos. A fenomenologia e a semiótica se relacionam, é tudo uma coisa só; tudo é mente.

As relações de semiose, como estudadas por Charles Peirce, ocorrem em nossa mente e por isso sua teoria pretende estudar a linguagem a partir dos fenômenos que ocorrem em nosso pensamento. Esse estudo de fenômenos é o que denominamos fenomenologia.

²⁵ SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007. p. 63.

Sendo assim, o estudo da semiótica peirceana se pauta na fenomenologia, o que é feito a partir da definição de categorias lógicas aplicadas ao campo das manifestações psicológicas, conforme nos ensina Lúcia Santaella.²⁶

A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. É a ciência dos signos, da linguagem e portanto, deriva da Linguística.²⁷

Como visto anteriormente, Peirce acredita que as leis da natureza não são absolutas, pois continuam em constante evolução e estão sujeitas a mudanças contínuas; possuindo sempre um caráter provisório. A ciência é um processo que amadurece gradualmente.²⁸

Dessa maneira, não se pode afirmar a existência de um princípio absoluto, nem na matemática e portanto, por mais rigoroso e sistemático que possa ser o pensamento de um investigador, ele é sempre falível.

É disso que decorre o caráter quase-necessário da semiótica. Quando Peirce chama a sua doutrina de quase-necessária, ele quer dizer que observamos os signos como os conhecemos e é a partir dessa observação que fazemos pronunciamentos falíveis e por isso, nada necessários; pois a experiência científica é falível, bem como qualquer conhecimento.

O mundo, para nós, segundo Lúcia Santaella²⁹, “aparece e se traduz como linguagem” e é a linguagem, qualquer tipo dela, o foco de estudo da semiótica.

4.1. O Geral

O geral se insere na idéia da semiótica de que o conhecimento é sempre aberto, portanto, geral é a série indefinida dos interpretantes.³⁰ Ele está na categoria da terceiridade, então ele é a continuidade, o devir.

²⁶ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 40.

²⁷ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 13.

²⁸ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 26.

²⁹ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 40.

³⁰ CP 1.339.

Ou seja, o geral decorre da idéia de que o conhecimento é sempre aberto, ou seja, contínuo. Conforme nos explica Lauro F. B. da Silveira, “ele decorre do potencial, da qualidade, em suma em primeira categoria, o geral é de uma espécie negativa (CP 1.427), mas na medida em que ele pertence à necessidade condicional, à lei, à terceiridade, ele é dessa ‘espécie positiva’ que, com ‘a infinidade, a continuidade, o crescimento e a inteligência’ (CP 1.340), fazem parte da terceira categoria”.³¹

4.2. A Indefinição

A indefinição de um ponto de vista semiótico impede que o último determinante de qualquer processo (fato consumado) finalize o que é necessário para o seu prosseguimento. No entanto, o infinito deve ser superado pelos agentes do processo comunicativo.³²

É por meio do contexto que os agentes do processo comunicativo serão capazes de superar qualquer indefinição, a insuficiência de qualquer signo vai exigir que seu significado se complete na experiência.³³

O grau ótimo de vagueza é um requisito do signo para que a comunicação exista, que consiste no fato de que não existe nenhuma comunicação entre duas pessoas que possa ser inteiramente definida; ou seja, sempre existe uma parte da comunicação que é vaga. A precisão absoluta é impossível.³⁴

Se opõem na medida em que há signos objetivamente gerais – “referentes a toda classe dos objetos à qual se atribui determinado predicado” – e signos objetivamente vagos – “que sob a forma de juízos existenciais, dirá que ao menos a um entre os elementos de uma classe de objetos, caberá atribuição de um determinado predicado, ou determinada relação”.³⁵

³¹ SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. *A comunicação de um ponto de vista*. In COGNITIO. Revista de Filosofia. Número II, 2001, p. 204.

³² SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. *A comunicação de um ponto de vista*. In COGNITIO. Revista de Filosofia. Número II, 2001, p. 204.

³³ SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. *A comunicação de um ponto de vista*. In COGNITIO. Revista de Filosofia. Número II, 2001, p. 205.

³⁴ CP, 5.506.

³⁵ SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. *A comunicação de um ponto de vista*. In COGNITIO. Revista de Filosofia. Número II, 2001, p. 209.

De acordo com Lauro F. B. da Silveira, por mais rigorosa que seja uma semiose, “tem que se haver com o vago dos signos para manter-se em seu caráter dialógico e para evoluir em direção à verdade.”³⁶

4.3. A Relação Triádica: signo, objeto e interpretante

A semiose é uma associação triádica, na qual o signo representa um objeto na mente e gera uma idéia nessa mente, que é o interpretante.

O signo é a representação de um mundo hipotético, é a imagem mental de algo que representa. Ele é tudo que substitui algo, sob certos aspectos e medidas, de acordo com Peirce: “é um primeiro que está em relação com um segundo, chamado seu objeto, de forma a ser capaz de determinar um terceiro, chamado seu interpretante...”³⁷

O objeto é o representado. O signo não representa o objeto em todos os seus aspectos, mas apenas sob o ponto de vista de alguém; assim, a representação de um objeto para uma pessoa difere da representação do mesmo objeto para outra pessoa, pois os pontos de vista são diferentes. Dessa forma, podemos dizer que o signo não consegue esgotar os aspectos do objeto que representa.

O interpretante é a idéia daquele objeto representado pelo signo que irá se formar em nossa mente, durante a semiose. é o signo do signo, resultado da semiose, a idéia gerada da representação do objeto pelo signo.

Assim, segundo Peirce, o signo é um primeiro, em relação triádica com um segundo, seu objeto, capaz de determinar um terceiro, seu interpretante. Assim, podemos dizer que o signo é a representação do objeto, enquanto que o interpretante é a idéia que se forma na mente de uma pessoa sobre o objeto representado pelo signo.

O interpretante é então, diretamente determinado pelo signo e indiretamente determinado pelo objeto. Esse interpretante que se forma numa primeira semiose será o signo de uma segunda

³⁶ SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. *A comunicação de um ponto de vista*. In COGNITIO. Revista de Filosofia. Número II, 2001, p. 210.

³⁷ PIGNATARI, Décio. *Semiótica e Literatura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 47.

semiose dentro de uma cadeia de semioses, podendo se dizer que ele é o signo do signo, um signo mais completo; sendo que dentro de uma única relação triádica, eles não se confundem.

5. Conclusão

Diante de tudo o que foi exposto no presente artigo, podemos concluir que a fenomenologia de Peirce se dá por meio da apreensão dos fenômenos pela nossa mente, na nossa consciência; independente de qualquer teoria, pois basta martermos os olhos abertos e atentos para o mundo e as sensações.

A fenomenologia peirciana, se caracteriza assim, como a ciência das aparências; mas esse fator não nos dá o direito de julgá-la como uma ciência ingênua, pois Peirce conseguiu atingir a cientificidade de seu trabalho por meio da criação das categorias universais, as quais podem ser testadas e comprovadas por qualquer pessoa e qualquer fenômeno.

Isso posto, segundo Ivo Assad Ibri³⁸, podemos compreender por meio doa trabalhos de Peirce, que as suas categorias universais tem a amplitude de averiguar as relações entre o geral e o particular; constatando-se que a semiose e a mediação da terceiridade dependem de uma generalidade real, uma vez que o objeto do pensamento deve ser geral e o particular não se reduz à razão.

6. Referências Bibliográficas

ABBAGNAMO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur (Org.). **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1931-35 e 1958; 8 volumes; obra aqui referida como CP, acompanhado de volume e parágrafo.

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva: Hólon, 1992.

³⁸ IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva: Hólon, 1992.

_____. **O Significado de Primeiridade em Schelling, Schopenhauer e Peirce.** *In:* Cognitio – Revista de Filosofia, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2008.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica e Filosofia.** Introd., Seleção e Trad. O. S. da Mota, L. Hegenberg. São Paulo : CULTRIX, 1972.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo : Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos)□

_____. **O método anticartesiano de C. S. Peirce.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **A comunicação de um ponto de vista.** *In* COGNITIO. Revista de Filosofia. Número II, 2001.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de Semiótica Geral.** São Paulo: Quartier Latin, 2007.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura.** Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos Coligidos.** Seleção e Trad. Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. São Paulo: Abril Cultural, 1974. vol. XXXVI.